

# FMI otimista com reação do Brasil

Ronaldo de Oliveira 2.2.99

Um dia depois de aprovar o novo programa econômico brasileiro, abrindo caminho para a liberação de US\$ 9,8 bilhões ao País, o vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer, disse que há boas razões para esperar que os juros continuem baixando no Brasil. "Nossa principal preocupação com a desvalorização do real era, obviamente, a volta da indexação e dá inflação. Mas os números referentes à inflação que estão surgindo são menores do que esperávamos", comemorou.

A diretoria do FMI elogiou publicamente as providências tomadas pelo governo e o cumprimento das metas fiscais. Paralelamente, o Citibank revelou, em Nova York, que aumentará em US\$ 200 milhões as linhas de crédito comercial e interbancário ao País, que chegarão a US\$ 1,3 bilhão. "Esse aumento reflete nossa confiança no Brasil e no programa econômico do governo. Os juros caíram, o FMI aprovou o programa e o Brasil parece estar dando a volta por cima", justificou o vice-presidente do Citibank, William Rhodes.

A vice-diretora do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, Teresa Ter-Minassian, líder da equipe de economistas do Fundo que negociou o programa com o Brasil, disse que o acordo é mais flexível do que se imaginava. Segundo ela, os termos permitem que o governo aumente a dívida pública este ano, embora um dos objetivos do plano seja justamente a redução desse débito a médio prazo. "A dívida pública externa do Brasil não é particularmente de curto prazo. A questão tem mais a ver com um equilíbrio entre a dívida externa e a interna. O programa prevê alguma margem para o aumento da dívida pública externa, mas não muito", disse.

Os recursos da segunda parcela do empréstimo do FMI serão repassados ao Brasil na semana que vem. Do total de US\$ 9,89 bilhões, metade estará na conta do Banco Central junto ao Federal Reserve (Fed), em Nova York, no próximo dia 6. Os outros US\$ 4,923 bilhões, referentes ao empréstimo coordenado pelo BIS (o Banco Central dos bancos centrais) em nome de 19 países desenvolvidos, estará disponível no dia 9.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse que a aprovação do acordo foi um sinal de apoio do Fundo ao programa de ajuste fiscal. "A manifestação da diretoria do Fundo ao aprovar a revisão do acordo com o Brasil expressa confiança de que podemos resolver nossos próprios problemas. Foi um dia importante", afirmou.

## TÍTULOS

O BC está estudando a criação de um calendário para lançamentos de títulos no exterior. A exemplo do que faz a Argentina, que estabelece



*A aprovação da diretoria do FMI ao acordo com o Brasil deixou Malan satisfeito: "Foi um dia importante"*

previamente uma programação de venda de papéis no mercado internacional, o Brasil também deverá divulgar a sua nova estratégia de atuação. Segundo o diretor de Assuntos Internacionais do BC, Daniel Gleizer, o País tinha no passado uma abordagem oportunista e esperava o momento ideal em que os preços estavam baratos para, com isso, estabelecer uma curva de juros favorável.

A partir de agora, entretanto, o BC estabelecerá esse parâmetro, que servirá de base para as colocações de empresas brasileiras no mercado externo. O calendário, de-

finido previamente, deixará clara a estrutura das captações e os mercados. "Isso é o que a Argentina faz. Acho que podemos atuar nessa área também; começar a trabalhar de uma forma pré-anunciada, dizer para onde estamos indo. Não dá para ter um calendário num curíssimo prazo. Você não faz um calendário de emissões com data marcada. Você apresenta uma estratégia e isso vamos apresentar. Estamos trabalhando nisso", afirmou Gleizer.

Segundo ele, essa estratégia é importante para dar referência aos investidores. O diretor do BC destaca que, ao comprar determinado

título, os investidores estrangeiros querem ter certeza de que, poucos meses depois, não serão lançados novos papéis com características parecidas. Isso, segundo Gleizer, acaba desvalorizando o título.

Ele disse ainda que a colocação de novos papéis ainda está dependendo de uma avaliação da estrutura do lançamento e da moeda em que serão emitidos os títulos. Essas decisões não podem ser tomadas de forma isolada. O governo não quer correr o risco de errar na dose e, por isso, está sendo cauteloso para decidir o volume desse novo lançamento.